

Carta Circular n. 22

**A CORAGEM DE SERMOS MENORES**

*(Segunda parte de uma série)*

Prot. n. 00732/03

*A todos os irmãos  
e irmãs  
da Ordem*

Caros irmãos e caras irmãs,

**“Aquele excessivo amor...”**

- 1.1 A humildade abre os corações humanos à experiência da relação. São Francisco diz exatamente que Deus é humildade porque o nosso Deus Trino, por sua própria natureza, está em relação. A Trindade foi descrita como uma *livre comunhão de pessoas sem que uma se imponha ou tenha reservas particulares em relação à outra*. Pela criação fomos imersos em íntima relação com a Trindade: *“No princípio era a Palavra, ... tudo foi feito por ela”* (Jo 1,1-3). Em Jesus Cristo essa relação tornou-se familiar: *“A todos que a receberam, deu-lhes capacidade de se tornarem filhos de Deus”* (Jo 1,12). Na Encarnação *“Deus se curva com profundo amor à nossa pequenez e assume a argila da nossa natureza na unidade da sua própria pessoa”* (São Boaventura, *Sermone II nella Natività del Signore*, Opera Omnia, Ad Claras Aquas, MCMI, IX, p. 110).
- 1.2 A humildade debruça-se no abraço ao outro. Está em forte contraste com a cultura dominante do nosso tempo que busca o exercício da liberdade sem freios para a autonomia do eu. Ser humildes e poderosos está em contradição com a lógica do nosso tempo. Contudo, quando São Boaventura fala do *“humilde Salvador”* que jaz na manjedoura ou estendido sobre a cruz, fala não da humildade da humanidade de Jesus, mas da sua **divindade!** Evidentemente esse é o modo da potência divina atuar. A atuação divina é mais semelhante à generosidade que partilha o poder do que a uma eficiência mecânica. É o modo com o qual um pai concede plenos poderes ao filho ou à filha. É um poder real que transforma o coração e a vida. Deus não usa de prepotência sobre a nossa humanidade. Em Jesus, Deus a abraça. O que define a humildade de Deus é essa opção de colocar-se em relação. Não existe contradição entre a potência e a humildade de Deus: a potência de Deus é a sua humildade; a força de Deus é a sua fraqueza; a grandeza de Deus é a sua pequenez, como nos diz São Boaventura (cf. *Itinerarium mentis in Deum*, VI, 5). A humanidade não foi criada segundo a imagem de um Deus autocrático, ditador, que faz valer os próprios direitos, mas segundo a imagem de um Deus humilde que se põe em relação. *“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou: homem e mulher os criou”* (Gn 1,27). A humildade exprime a natureza relacional de Deus. Da mesma forma a humildade expressa a natureza

relacional da nossa humanidade. Ser humilde significa gloriar-se pelo fato que fomos criados no amor e redimidos pelo amor para viver uma relação de amor com Deus Uno e Trino, que criou e redimiu a nós e a todas as criaturas viventes. Francisco, com uma clareza maravilhosa, entendeu o plano que Deus tem para suas criaturas como uma família de irmãos e irmãs. E exultou pela intimidade familiar que esse plano manifesta... irmão sol, irmã lua, nossa irmã mãe terra, irmão fogo. Nunca se referiu a si mesmo como “Francisco”, mas sempre como “frei Francisco”. De fato, Francisco usa o termo “frei (irmão)” mais (360 vezes) que qualquer outro termo, exceto o de “Senhor” (410 vezes). Ele entendeu que “irmão” manifestava o tipo de relação que Deus o chamava a viver com cada criatura e com toda a criação.

1.3 No Monte Alverne Francisco rezou: “*Que eu sinta no meu coração... aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores.*” (Fior – Terceira consideração dos sacrossantos estigmas). A experiência que teve do humilde Amor crucificado o impulsionou a uma relação mais intensa com o mundo que o circundava. “*Aquele excessivo amor*” fez com que Francisco, apesar das suas numerosas enfermidades, descesse do Monte Alverne com o ardente desejo de voltar às origens e de recomeçar o serviço aos leprosos. “*Aquele excessivo amor*” do Alverne inspirou Francisco a escrever o seu *Cântico das Criaturas*. “*Aquele excessivo amor*” do Crucificado purificou o coração de Francisco e o fez irmão universal do leproso, do sol e da lua, da nossa irmã mãe terra e de toda a criação.

1.4 Pode-se entender o gênio espiritual de Francisco pela forma como foi capaz de personalizar a humildade cheia de compaixão pela cruz e de deixá-la em herança como característica a cada um dos seus frades e, especialmente, como dimensão essencial da sua fraternidade como tal. A minoridade, que consiste na renúncia ao poder dominador, na aceitação voluntária do serviço humilde e na identificação com aqueles que são jogados às margens da sociedade prepotente dos nossos dias, é o que procuramos renovar na nossa Ordem com o Sétimo Conselho Plenário.

### **“O que discutíeis pelo caminho?” (Mc 9,33)**

#### *Renúncia ao poder dominador*

2.1 “*O que discutíeis pelo caminho?*” (Mc 9,33). O silêncio que se seguiu por parte dos Apóstolos não foi um silêncio de embaraço, mas um silêncio de profundo desacordo. As palavras precedentes, ditas por Jesus, constituíam um ultraje para os judeus patrióticos: “*O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens, e eles o matarão. Mas, três dias após sua morte, ele ressuscitará*” (Mc 9,31). Os Apóstolos não entendiam um tal Messias. Por isso, continuando a viagem messiânica para Jerusalém, discutem sobre quem terá o papel mais importante na libertação do povo hebraico. Não era uma luta mesquinha pelo poder, era uma discussão a respeito do compromisso. Jesus compreendeu claramente o que estava em jogo e interveio com força: “*Se alguém quiser ser o primeiro, que seja o último de todos e aquele que serve a todos!*” (Mc 9,35). As suas palavras aplicavam-se antes de tudo à sua própria pessoa! Israel não será salvo por um novo rei davídico à testa de armadas de libertação, mas por um servo sofredor pregado numa cruz. E reforça o seu conceito colocando uma criança no meio deles e dizendo: “*Quem acolher em meu nome uma destas crianças, é a mim que estará acolhendo. E quem me acolher, está acolhendo, não a mim, mas àquele que me enviou*” (Mc 9,37). O Messias enviado pelo Pai é frágil como uma criança. Para irradiar no mundo o seu amor redentor cheio de compaixão, Jesus teve antes que abandonar toda pretensão de poder dominador.

2.2 Colocando-se decididamente no seguimento de Jesus, Francisco quer que, gratuitamente, também os frades abandonem o poder que domina e controla. A sua insistência a que os frades renunciem ao poder autoritário é tão forte quanto a sua insistência a que eles renunciem à riqueza: *“Nenhum irmão exerça uma posição ou cargo de mando, e muito menos entre os próprios irmãos”* (1Rg 4,12). *“Nenhum irmão, onde quer que esteja para servir ou trabalhar para outrem, jamais seja capataz, nem administrador, nem exerça cargo de direção na casa em que serve... Em vez disto sejam os menores e submissos a todos que moram na mesma casa”* (1Rg 7,1.3). *E os irmãos que partirem poderão proceder de duas maneiras espiritualmente com os infiéis... absterem-se de rixas e disputas, submetendo-se ‘a todos os homens por causa do Senhor’”* 1Pd 2,13 (1Rg 16,6-7). Francisco reconheceu, como Jesus antes dele, que o poder que controla e domina é incompatível com a compaixão. Renunciar a tal poder é pré-condição essencial para o amor redentor pleno e compassivo.

***“Eis o meu servo, que escolhi”*** (Mt 12,18)

*Uma vida dedicada ao serviço humilde*

3.1 Com uma série progressiva de confrontos entre Jesus e os escribas e fariseus, o capítulo 12 do Evangelho de Mateus cria um forte contraste entre a missão messiânica de Jesus e o modelo da autoridade religiosa de Israel baseada no poder. Na metade do capítulo Mateus aplica a Jesus as palavras de Isaías: *“Eis o meu servo, que escolhi... Em seu nome as nações depositarão a sua esperança”* (Mt 12,18.21). Mateus propõe um modelo de mudança possível através do serviço humilde em lugar de uma mudança feita através do poder que se impõe. O Evangelho de João completa o modelo: *“Jesus... começou a lavar os pés dos discípulos”* (Jo 13,5). A troca de palavras entre Jesus e Pedro revela que se trata de algo mais que um ato simbólico. É um ato que redime: *“Tu nunca me lavarás os pés!... Se eu não te lavar, não terás parte comigo!”* (Jo 13,8). A Redenção irrompe no mundo e é atuada nele no serviço humilde e por meio do serviço humilde.

3.2 Talvez nenhuma outra imagem de Jesus tenha tomado Francisco de maior entusiasmo que a do Mestre que lava os pés dos discípulos. Ele a assume como modelo da autoridade e do serviço na sua fraternidade: *“Ninguém seja intitulado ‘prior’, mas todos sejam designados indistintamente como ‘frades menores’. E um lave os pés do outro”* (1Rg 6,3-4). *“Os que estão constituídos sobre os outros não se vangloriem dessa superioridade mais do que se estivessem encarregados de lavar os pés aos irmãos. E se a privação do cargo de superior os perturba mais que a privação do encargo de lavar os pés, amontoam para si tanto mais riquezas com perigo para sua alma”* (Adm 4,1-3). A compaixão expressa através do serviço humilde traz consigo mesma a potência transformadora da cruz de Jesus.

***“Não havia lugar para eles”*** (Lc 2,7)

*Identificação com aqueles que são jogados às margens da sociedade prepotente*

4.1 *“Maria deu à luz o seu filho primogênito e... o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles na hospedaria”* (Lc 2,7). Desde seu nascimento na humildade de uma estrebaria até sua morte como rejeitado sobre a cruz, Jesus viveu como um daqueles aos quais o mundo *“não dá lugar”*. No início do seu ministério público Jesus *“no deserto, era guiado pelo Espírito”* (Lc 4,1). Nessa luta interior de discernimento, Jesus é guiado pelo Espírito a rejeitar decididamente um ministério baseado no poder e na riqueza (cf. Lc 4,1-12). Apresenta-se, depois, em Nazaré para anunciar a sua missão: *“O Espírito do*

*Senhor...me consagrou com a unção para anunciar a Boa-nova aos pobres...para proclamar a libertação aos cativos” (Lc 4,18). Nas suas parábolas Jesus declara quem são os cidadãos do seu novo reino: “Sai depressa pelas praças e ruas da cidade. Traz para cá os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (Lc 14,21). A sua missão levou-o a todos aqueles que “não encontravam lugar” na prepotente sociedade de seu tempo. No capítulo 12 do Evangelho de João, Jesus se identifica com aquela comunidade de pobres e humildes. Quando Judas, em Betânia, faz objeção porque Jesus é banhado com óleo perfumado dizendo que teria sido melhor dar o dinheiro daquele óleo precioso aos pobres, Jesus dá a entender que é ele o pobre e que Maria o banhou de perfume porque vai morrer como pobre e marginalizado (cf. Jo 12,1-7).*

- 4.2 A exemplo de Jesus, também Francisco *“no deserto, era guiado pelo Espírito” (Lc 4,1). Isso ocorreu durante os longos meses de sua experiência de conversão, quando viveu entre os leprosos, os rejeitados da sociedade. Esse foi o seu deserto. O resultado de seu discernimento tornou-se evidente no encontro diante do Bispo de Assis. Francisco rompeu definitivamente com todo um estilo de vida e de existência. Francisco ‘desceu’ da escala social. Visivelmente e publicamente abandonou a sua posição social. Essa opção foi inspirada por Jesus: “Recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo...não se envergonhou de se tornar para nós pobre e peregrino; e vivia de esmolas, ele e mais a bem-aventurada Virgem e seus discípulos” (1Rg 9,5-6). Daí em diante Francisco colocou-se ante o mundo como quem se identificava com os que “não tinham lugar” na prepotente sociedade de seu tempo. E insistiu que fosse essa a posição avançada de seus frades: “E devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua” (1Rg 9,3). O fato de Francisco abraçar a pobreza evangélica foi uma opção de relações sociais mais que uma opção de pureza ascética. Quando exorta seus frades a serem simples no vestir, observa: “Os que vestem roupas preciosas e vivem com luxo... encontram-se **nos palácios dos reis**” (1Rg 2,15).*

***“Todos tinham medo dele, pois não acreditavam que ele fosse discípulo”***

(At 9,26)

- 5.1 O Espírito Santo, vínculo de unidade entre Pai e Filho, nos projeta à relação. O Espírito Santo colocou a criação em relação com a Trindade: *“A terra estava deserta e vazia...e o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,2). “Deus...soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem tornou-se um ser vivente” (Gn 2,7). O Espírito Santo estabeleceu esse vínculo familiar especial entre a humanidade e a Trindade na Encarnação: “O Espírito virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, o menino que vai nascer será chamado Santo, Filho de Deus” (Lc 1,35). O Espírito Santo determinou a missão de Jesus. No início do ministério público, durante o batismo de João no Jordão “o Espírito Santo desceu sobre Jesus em forma visível, como pomba” (Lc 3,22). Foi em obediência ao Espírito Santo que Jesus rejeitou decisivamente um ministério alicerçado no poder e na riqueza, abraçando desde o início, a via da humildade, que o levaria à cruz. E é em obediência ao mesmo Espírito Santo que nós nos tornamos discípulos e assumimos o caminho da humildade à imitação de Jesus.*
- 5.2 O Espírito Santo, vínculo de unidade entre Pai e Filho, é “o Ministro Geral da Ordem”. Por isso *“a obediência caritativa que caracteriza a nossa fraternidade, graças à qual os frades estão a serviço uns dos outros (Cons. 84,2), nos impulsiona à comunhão. “Dóceis ao Espírito Santo, busquemos e cumpramos **em comunhão fraterna de vida a vontade de Deus em todos os acontecimentos e em todas as atividades**” (Cons. 155,3).*

A obediência caritativa procura formar *uma livre comunhão de irmãos sem que um se imponha ou tenha reservas particulares em relação ao outro.*

- 5.3 *“A obediência caritativa”* forma uma comunhão de irmãos na qual não há imposição. É interessante ver qual é a fonte da autoridade na nossa Ordem segundo as Constituições. O serviço é a primeira e primária fonte de autoridade: *“Cristo não veio para ser servido mas para servir. Para mostrar isso, lavou os pés dos Apóstolos...Por isso os ministros...sirvam os outros frades”* (Cons. 156,1-2). A segunda fonte de autoridade é a coerência de vida. Os ministros devem praticar o que pregam: *“Os ministros presidam suas fraternidades no amor, tornando-se de coração o seu modelo”* (Cons. 157,1). Em terceiro lugar um ministro deriva sua autoridade da capacidade de escutar os frades e de dialogar com eles: *“Com espírito evangélico (os ministros) procurem de boa mente dialogar...com os frades, e aceitem seus conselhos”* (Cons. 157,4). Enfim, quando todos os outros meios não são suficientes, o ministro encontra autoridade no seu cargo: *“Em força do cargo, cabe aos ministros assumir a última decisão”* (Cons. 157,4).
- 5.4 A *“obediência caritativa”* forma uma comunidade de irmãos na qual não há reservas. São Boaventura usa o termo *“circumincessio”* para descrever essa dimensão da comunhão da Trindade. Ela indica uma inefável intimidade de vida na Trindade. As pessoas divinas *“movem-se uma na outra”* numa comunhão de amor. O termo grego *“perichòresis”* é talvez ainda mais ousado, no sentido que sugere o dançar de um ao redor do outro, uma divina coreografia. É essa mútua e respeitosa colaboração nos dons que a *“obediência caritativa”* procura formar entre os frades para o serviço da fraternidade, da Igreja e do mundo. *“Todo aquele, pois, que tem inveja do seu irmão por causa do bem que o Senhor por ele diz e faz, comete pecado de blasfêmia, porque tem inveja do próprio Altíssimo, que é quem diz e faz todo bem”* (Adm 8,3). *“Bem-aventurado o servo que não se envaidece com o bem que o Senhor diz e opera por meio dele mais do que com o que o Senhor diz e opera por meio de outrem”* (Adm 17,1). *“Bem-aventurado o servo que, sendo louvado e exaltado pelos homens, não se considera melhor do que quando é tido por insignificante, simplório e desprezível. Porque o homem vale o que é diante de Deus e nada mais”* (Adm 20,1-2). Num sermão sobre o Pentecostes Santo Antônio afirma que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos e sobre os discípulos como línguas de fogo separadas. Santo Antônio nota que na comunhão da Igreja primitiva essas línguas de fogo se uniram para formar um rio de fogo que invadiu o mundo. Refletindo sobre esse sermão, veio-me à mente a lembrança dos vaga-lumes que se vêem durante as noites quentes do verão no Canadá. Os vaga-lumes brilham na escuridão. O Espírito Santo continua a descer sobre nós como línguas de fogo separadas, dispensando-nos uma multiplicidade de dons. O que pode acontecer é que, como os vaga-lumes das noites do verão canadense, esses dons brilhem por um breve tempo e depois, com a mesma rapidez, desapareçam. A *“obediência caritativa”* respeita todos os dons da fraternidade. Quando a *“obediência caritativa”* canaliza os dons da fraternidade em vista do crescimento da comunhão, tais dons se unem para formar um *“rio de fogo”* que leva a verdade do Evangelho ao mundo.
- 5.5 O capítulo local tornou-se parte da nossa cultura capuchinha só depois do Concílio Vaticano II. A razão encontra-se no fato da retomada do nosso carisma fraterno no âmbito da eclesiologia da comunhão do Vaticano II: *“Cultivemos o colóquio mútuo, confiando nossas experiências e manifestando nossas necessidades. Além disso, que o espírito de compreensão fraterna e de sincera estima esteja presente em todos”* (Cons. 84,2). Uma fraternidade concebida como comunhão não pode existir sem o diálogo e a mútua estima. É exatamente nesse contexto que as Constituições colocam o capítulo local: *“Haja um empenho especial pelo Capítulo Local, que é um instrumento privilegiado para promover e manifestar o crescimento e a índole da nossa vida na*

*comunhão fraterna*” (Cons. 84,2). O mesmo artigo das Constituições continua sublinhando que o capítulo local não é um exercício de democracia direta mas a mais alta expressão de obediência! *“Nele, se expressa bem a obediência caritativa, que caracteriza a nossa fraternidade”* (Cons. 84, 2). A *“obediência caritativa”* coloca-nos à escuta uns dos outros e a servirmo-nos com amor: no capítulo local *“os frades estão a serviço uns dos outros, estimula-se a criatividade de todos e os dons de cada um redundam para o bem de todos”* (Cons. 84,2). Isso volta a ser confirmado no capítulo VIII das Constituições: *“Compete ao Capítulo local...confirmar o espírito fraterno, promover a consciência de todos os frades pelo bem comum, dialogar sobre tudo que diz respeito à vida fraterna”* (Const. 142,2). Enquanto estava refletindo sobre o capítulo local, aconteceu-me de ler essas palavras dos Atos dos Apóstolos: *“Saulo chegou a Jerusalém e procurava juntar-se aos discípulos. Mas todos tinham medo dele, pois não acreditavam que ele fosse discípulo”* (At 9,26). Três anos depois de sua conversão, Paulo continuava a inspirar temor na comunidade de Jerusalém. Paulo não prendia mais os cristãos, mas esses ainda temiam nele aquele poder que domina. Temia-se que Paulo tivesse substituído uma ideologia por outra. *“Não acreditavam que ele fosse discípulo”*. Para conquistar a confiança da Igreja de Jerusalém, Paulo devia demonstrar que ele também estava sujeito à obediência! Quantos capítulos locais acabam falindo porque um ou mais frades chegam com toda uma lista de condições e de questões, decididos a domesticar e a dominar os irmãos mais que a escutá-los e a demonstrar-lhes estima? Como fazer para passar da desconfiança à confiança? Como podemos ver na vida de São Paulo, é um caminho difícil. A confiança não pode ser cultivada diretamente. A confiança cresce entre os frades quando há respeito de um pelo outro. Um tal respeito é o fundamento da confiança e da *“obediência caritativa”*. Se não se cultivar o respeito de um pelo outro, a confiança não crescerá. A atmosfera do capítulo local é um excelente teste que indica o espírito de minoridade da fraternidade. *“Nenhum irmão exerça uma posição ou cargo de mando, e muito menos entre os próprios irmãos* (1Rg 5,12). Esperamos que o VII CPO possa renovar entre nós o espírito da *“obediência caritativa”*, de modo que as nossas fraternidades se tornem verdadeiramente *uma livre comunhão de irmãos sem que um se imponha ou tenha reservas particulares em relação ao outro*, todos a serviço uns dos outros, da Igreja e do mundo.

***“Frei Francisco promete obediência...”***  
(2Rg 1,2)

- 6.1 O início do século XIII foi caracterizado por um grande número de movimentos eclesiais que tendiam à reforma e à recuperação da simplicidade evangélica. Nas palavras de abertura da Regra, Francisco une a procura da pureza evangélica à *“obediência e reverência”* pela autoridade da Igreja. *“A Regra e a vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”*. E logo depois Francisco afirma: *“Frei Francisco promete obediência e reverência ao Senhor Papa Honório...e à Igreja Romana* (2Rg 1,1-2). Esse princípio basilar distingue o movimento iniciado por Francisco da maior parte dos outros movimentos eclesiais dos seus dias. Francisco intuiu que o Evangelho era inspirado e nascido no âmbito da comunidade cristã e que pode encontrar a sua verdadeira compreensão e a sua verdadeira realização somente na obediência a essa mesma comunidade. A obediência à autoridade da Igreja garantia a autenticidade do seu carisma evangélico. No seu Testamento Francisco insiste que os frades sejam verdadeiramente *“católicos”* (Test 31). A mesma obediência foi uma dimensão essencial do ministério de humildade que ele desenvolveu na Igreja respondendo ao envio de Jesus: *“Vai e repara a minha Igreja”*. Francisco, que pediu que seus frades fossem submissos *“a todos os homens por causa*

do Senhor” (1Rg 16,7), logicamente começou com o ser “*sempre súdito e sujeito aos pés da mesma santa Igreja*” (2Rg 12,4).

- 6.2 Encontramos outras dimensões do seu ministério de humildade na Igreja no seu Testamento, onde ordena aos seus frades que “*não se atrevam a pedir à Cúria Romana algum rescrito...em favor duma igreja ou de outro lugar qualquer, nem sob o pretexto de pregação, nem por causa de perseguição corporal*” (Test 25). Essa prescrição é uma conseqüência da missão de Francisco na Igreja. Querendo formar *uma livre comunhão de irmãos sem que um se imponha ou tenha reservas particulares em relação ao outro*, que deveria ser fonte de comunhão para a Igreja, recusou toda posição de autoridade que de alguma forma pudesse obscurecer tal missão. Sua intenção foi que os frades fossem sujeitos à autoridade da Igreja, mas que não participassem dessa autoridade. Isso não se fundamentava na desconfiança em relação à autoridade da Igreja, mas na idéia de que sua fraternidade era chamada a construir a comunhão da Igreja de outra forma. Tal insistência era também reflexo da intenção de Francisco em relação ao lugar que a sua fraternidade deveria ocupar na Igreja. Francisco procurou renovar a comunhão da Igreja identificando-se com aqueles aos quais é dado um lugar privilegiado no Reino: “*os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos*” (Lc 14,21). Sobre esse aspecto Francisco insiste muito. “*Mando firmemente por obediência a todos os frades*” que não procurem privilégios especiais nem mesmo na Igreja.
- 6.3 O Testamento inclui ainda uma outra conseqüência da missão escolhida por Francisco na Igreja: “*E hei de respeitar, amar e honrar a eles (os sacerdotes) e a todos os outros como a meus senhores. Nem quero olhar para o pecado deles*” (Test 8-9). Francisco não era cego aos pecados do clero. Todavia, não quis que os pecados do clero fossem impedimento à sua visão da presença viva de Cristo na sua Igreja: “*E procedo assim porque do mesmo Altíssimo Filho de Deus nada enxergo corporalmente neste mundo senão o seu santíssimo corpo e sangue, que eles consagram e somente eles administram aos outros*” (Test 10). É essa mesma fidelidade à presença viva de Cristo na sua Igreja que levou Francisco a prometer ao Papa não só obediência, mas **reverência**. E mais, a exclusão dos cargos de autoridade na Igreja não foi imposta à sua Ordem, foi livremente escolhida. De fato ela foi pedida ao Santo Padre como precioso privilégio! Foi o caminho que ele escolheu para a reforma. Como conseqüência, Francisco recusou-se a criticar os que aceitavam tal responsabilidade. Foi como se tivesse decidido que as pedras recolhidas para o projeto de São Damião fossem pedras vivas criativas para construir uma comunidade modelo, não projéteis a serem jogados contra as janelas dos outros! Essa também se tornou uma característica que define a *livre comunhão de irmãos sem que um se imponha ou tenha reservas particulares em relação ao outro*.
- 6.4 “*Frei Francisco promete obediência e reverência ao Senhor Papa Honório...e à Igreja Romana*” (2RG 1,2). A clareza e a coerência com que Francisco abraça a minoridade na Igreja, constitui um desafio para a Ordem descobrir hoje, com frescor, aquele mesmo valor evangélico. Em meio a tantos apelos por mudanças e reformas, numa época de descrédito de todas as estruturas e autoridades, a postura de Francisco e as suas diretrizes, convidam-nos a renovar o nosso espírito de reverência pelos encargos de autoridade na Igreja. Ao mesmo tempo, o VII CPO constitui para a Ordem um momento privilegiado para refletir sobre a experiência do século passado. A entusiástica aceitação por parte da Ordem da expansão missionária da Igreja levou muitas bênçãos à humanidade, à Igreja e à Ordem. Entretanto nos envolveu de modo profundo no ministério de autoridade da Igreja. Quanto profundo pode ainda permanecer o nosso envolvimento nos ministérios institucionais da Igreja sem fazer-nos perder o nosso testemunho de minoridade?

**“Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor”**  
(Cântico do Irmão Sol 10)

- 7.1 “Não existe paz sem justiça, não há justiça sem perdão” (João Paulo II, Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2002, parágrafo 15). Esse foi o ponto central da mensagem do Papa João Paulo II aos representantes das religiões do mundo reunidos em Assis no dia 24 de janeiro de 2002 para rezar pela paz. É uma mensagem que o mundo não aceita e na qual não crê. Antes justiça, depois perdão! Essa é a lógica do nosso tempo. É uma lógica que produziu lutas contínuas. É uma lógica que procura justificar o terrorismo como instrumento de justiça. Mas as relações não podem ser impostas. O Papa, de forma sintética, proclama a lógica da cruz. A justiça brota de relações purificadas e renovadas. Sem relações purificadas e renovadas, não pode haver justiça. Sem perdão e reconciliação não existem relações renovadas! *“A prova de que Deus nos ama é que Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores (Rm 5,8).* A cruz é o ponto central para a reconciliação entre Deus e a humanidade: *“Em Cristo, Deus reconciliou o mundo consigo” (2Cor 5,19).* Ainda, com o sangue de sua cruz, Jesus estabeleceu uma paz histórica: *“Ele...é a nossa paz...destruiu o muro de separação: a inimizade...para criar em si um só homem novo” (Ef 2,14-15).* A Igreja tem sua missão na cruz: *“Deus...nos confiou o ministério da reconciliação...Somos, pois embaixadores de Cristo...deixai-vos reconciliar com Deus” (2Cor 5,18.20).* Com firmeza Paulo indica que essa reconciliação é a histórica paz baseada na justiça: *“Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21).* Francisco entendeu bem a mensagem da cruz. Na metade do seu Cântico do Irmão Sol, reza: *“Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor”.* Francisco louva Deus por aqueles que perdoam porque só o perdão pode restaurar a relação de irmãos/irmãs, que Deus nos chama a viver sobre a terra. A relação de irmãos/irmãs restaura a justiça. Por meio do excessivo amor da cruz, Jesus ofereceu o modelo e forneceu a força divina. O excessivo amor do Crucificado pode superar todos os obstáculos para restaurar relações. Relações restauradas originam a justiça. Não poderia acontecer que as relações purificadas de irmãos/irmãs abrissem o nosso coração à experiência do *“Abba, Pai” (Rm 8,15),* permitindo-nos aceitar e expressar autoridade, “paternidade”, sem suspeitas ou medos? Uma autoridade patriarcal e despótica, inspira somente ódio e medo, viciando desde a base a comunhão de vida que existe na Santíssima Trindade. Uma autoridade generosa e libertadora, de “pai”, abre os seres humanos a partilhar o amor sem medo. Em nosso mundo existe hoje uma extrema necessidade dessa “paternidade”.
- 7.2 O V CPO, celebrado em Garibaldi – Brasil, em 1986, sintetiza a visão franciscana de justiça, paz e respeito pela natureza com estas palavras:

“Francisco transmitiu-nos um carisma especial em favor da paz, da justiça e da natureza. O ponto de vista do pobre é o lugar privilegiado do qual um filho de Francisco vê e proclama os valores. A reconciliação e o respeito pela criação são os meios que Francisco nos propõe para chegar à verdadeira paz e à harmonia. Isso faz parte integrante de nossa vocação franciscana” (V CPO, 86).

A reconciliação é uma dimensão especial do nosso trabalho pela paz, justiça e respeito pela natureza. O Capítulo Geral de 2000 pediu um renovado esforço por parte da Ordem a fim de dar expressão concreta a essa visão. Como uma primeira resposta ao pedido do Capítulo, em fevereiro de 2004 em Adis-Abeba se celebrará um encontro internacional com o tema: *“Fraternidade e Etnicidade”.* Será uma oportunidade para refletir como *uma livre comunhão de irmãos sem que um se imponha ou tenha reservas particulares em relação ao outro* pode tornar-se um modelo catalisador para restaurar relações justas e

pacíficas entre povos de diferentes culturas. Rezemos para que a profunda reflexão do VII CPO sobre o ministério da humildade no mundo torne possível à Ordem abraçar com maior clareza e empenho a esperança e a visão do V CPO.

- 7.3 Tendo feito experiência “daquele excessivo amor” do Crucificado, Francisco desceu do Alverne cheio do ardente desejo de retornar à sua inspiração original: servir os leprosos. A Ordem deve constantemente fazer a mesma coisa, deve esforçar-se constantemente por re-identificar-se com aqueles aos quais a sociedade “*não oferece lugar algum*”. O VI CPO nos dá a visão de uma “economia fraterna”, que conduz à comunhão, como alternativa à economia global fundada sobre concorrência e concentração de riqueza, que leva à divisão e à luta (cf. Carta Circular n. 15, parágrafos 4-6). Os princípios operativos da economia fraterna são a participação, a transparência e a solidariedade. Esses princípios devem conduzir à reforma das obras sociais da nossa Ordem, de forma a dar força aos pobres e aos humildes em vez de dominá-los, de uni-los em solidariedade em vez de dividi-los na concorrência pela nossa atenção! O VI CPO, falando do nosso serviço aos pobres, declara:

“Antes de mais nada a solidariedade não consiste em dar coisas aos outros, mas é interdependência recíproca e expressão de fraternidade. A cultura da solidariedade cria novos modos de entender e de viver os relacionamentos com os outros” (Prop. 22)

Esses “novos modos de entender e de viver os relacionamentos” com os pobres podem surgir quando os princípios da economia fraterna – participação, solidariedade e transparência – criam serviços que dão força aos pobres através de relações *sem que um se imponha ou tenha reservas particulares em relação ao outro*.

## Conclusão

8.1

“Humanamente falando” o princípio da **minoridade** “foi a parte que menos agradou à Ordem da herança deixada (por Francisco) e **a primeira a ser esquecida**... Toda a complexa problemática desenvolvida... a respeito da pobreza... resultou do esforço impossível por parte dos filhos de São Francisco de quererem ‘ser pobres’ sem ter a coragem de continuar ‘sendo menores’” (L. Iriarte, *Vocazione francescana. Sintesi degli ideali di san Francesco e di santa Chiara*, Laurentianum/Piemme, Casale M. 1991 (2ª ed.), 136).

“*O que discutíeis pelo caminho?*” (Mc 9,33). Lázaro Iriarte afirma que logo depois da morte de Francisco, a fraternidade franciscana primitiva se comportou exatamente como os Apóstolos. Incapazes de pensar uma transformação sem aquele poder que domina, eles procuraram abraçar a pobreza de Francisco, tranquilamente ignorando a minoridade. Aquilo que Lázaro declara como “esforço inútil... de ‘serem pobres’ sem ter a coragem de ‘serem menores’”. Como consequência, a pobreza, que Francisco pensava fosse proteger a minoridade, tornou-se luta pelo poder e pelo controle. Como os

Apóstolos, também nós franciscanos sentimo-nos confusos ante a exigência de abandonar todo poder que domina, inclusive tratando-se do poder que parece ter a capacidade de transformar a vida.

Como Francisco, também nós devemos redescobrir “*a coragem de sermos menores*”, fazendo-o de formas modestas que podem parecer insignificantes. Não temos necessidade de uma grande estratégia para mudar as estruturas de poder do sistema econômico e político do mundo, porque Deus se alegra também quando retorna a ele um só pecador arrependido! Do ponto de vista estatístico isso não é muito interessante num mundo de milhões de pessoas. Contudo, para o Senhor, parece que os números não contem muito! Parafraseando o que disse Francisco, ao menos começemos a servir a Deus em humildade, porque até agora pouco fizemos.

Fraternalmente,

*Frei John Corriveau,  
Ministro Geral OFMCap.*

*Festa de São Francisco de Assis,  
4 de outubro de 2003.*